Jean Genet

As criadas

folio

Texte intégral

Jean Genet

AS CRIADAS

Título original:

Les bonnes

Tradução:

Pontes de Paula Lima

PERSONAGENS

CLAIRE

SOLANGE

MADAME

AS CRIADAS

CENÁRIO: *O quarto de Madame. Móveis Luiz XV. Rendas. Ao fundo, uma janela aberta, que dá para a fachada de um prédio em frente. À direita, o eleito. À esquerda, uma porta e uma cômoda. Flores em profusão. É noite.*

CLAIRE: *(De pé, de combinação, voltando as costas para a penteadeira. Seu gesto — o braço estendido — e o tom serão de um trágico exasperado)* E essas luvas! Essas luvas eternas! Já te repeti suficientemente que as deixasses na cozinha. É com isso, por certo, que esperas seduzir o leiteiro. Não, não, não mintas, é inútil. Pendure-as por cima da pia. Quando compreenderás que este quarto não pode ser enxovalhado. Tudo, mas tudo o que vem da cozinha é escarro! Sai! E leva os teus escarros! Mas para! *(Durante esta tirada, Solange brincava com um par de luvas de borracha, observando suas mãos enluvadas; ora em buquê, ora em leque)* Nada de cerimônia, faz teu bichinho. E principalmente não te apresses, temos tempo. Sai! *(Solange, de repente, muda de atitude e sai com humildade segurando na ponta dos dedos as luvas de borracha. Claire senta-se à penteadeira. Aspira as flores. Afaga os objetos de toillete, escova o cabelo, ajeita o rosto)* Prepara meu vestido. Depressa, o tempo voa. Você não está aí? *(Volta-se)* Claire! Claire!

(Entra Solange)

SOLANGE: Madame me perdoe, eu estava preparando o chá de tília *(Ela pronuncia tílea)* da senhora.

CLAIRE: Arranje as minhas toaletes. O vestido branco de *pailleté*. O leque, as esmeraldas.

SOLANGE: Todas as joias de Madame?

CLAIRE: Traga. Quero escolher. E, naturalmente, os sapatos de verniz. Aqueles que você vem cobiçando há anos. *(Solange tira do armário alguns estojos que abre e dispõe sobre a cama)* Para o seu casamento, com certeza. Confessa. Confessa que ele a seduziu! Que você está grávida! Confesse! *(Solange se agacha no tapete e, cuspindo neles, lustra os escarpins de verniz)* Eu já lhe disse, Claire, para evitar os escarros. Deixe-os dormir dentro de você minha filha, apodrecer aí dentro. Ah! Ah! *(Ri nervosamente)* Que nele se afogue o caminhante perdido. Ah! Ah! Você é horrenda, minha bela! Curva-se mais e olhe-se nos meus sapatos. *(Estende o pé, que Solange examina)* Pensa que me é agradável saber o meu pé envolto nos véus da sua saliva? Na bruma de seus pantanais?

SOLANGE: *(De joelhos e muito humilde)* Desejo que Madame fique linda.

CLAIRE: Ficarei. *(Arruma-se ao espelho)* Vocês me detestam, não é? Vocês me esmagam com os seus cuidados e a sua humildade, com gladiólogos e rosedá. *(Levanta-se em tom mais baixo)* Atulhamos à toa. Aqui tem flor demais. É mortal. *(Contempla-se ainda)* Ficarei linda. Mais do que você jamais conseguirá. Pois não com esse corpo e essa cara que conquistará Mário. Esse jovem leiteiro ridículo nos despreza e se fez em você um bebê...

SOLANGE: Oh! Mas eu nunca...

CLAIRE: Cale-se idiota! Meu vestido!

SOLANGE: *(Procura no armário, afastando alguns vestidos)* O vestido vermelho. Madame vai por o vestido vermelho!

CLAIRE: Eu disse o vestido branco de *paillété*.

SOLANGE: *(Dura)* Sinto muito. Madame esta noite usará o vestido de veludo escarlate.

CLAIRE: *(Ingenuamente)* Ah? Por que?

SOLANGE: *(Friamente)* Não consigo esquecer o colo de madame sob o drapeado de veludo. Quando Madame suspira e diz ao doutor como eu sou dedicada! Uma toalete negra serviria melhor sua viuvez.

CLAIRE: Como?

SOLANGE: Tenho que explicar?

CLAIRE: Ah! Queres falar... perfeito. Me ameaça. Insulta tua patroa. Solange, queres falar, não é? Nas desgraças do doutor. Tola. Não é o momento de lembrá-lo, mas dessa sugestão vai tirar um partido estupendo. Sorris? Duvidas?

SOLANGE: Ainda não é hora de exumar...

CLAIRE: Minha infâmia? Minha infâmia! De exumar! Que palavra!

SOLANGE: Madame!!

CLAIRE: Estou vendo aonde queres chegar. Já ouço o zum-zum das tuas acusações, desde o começo estás me insultando, procurando a hora de cuspir na minha cara.

SOLANGE: *(Mísera)* Madame, Madame, ainda não chegamos aí. Se o doutor...

CLAIRE: Se o doutor está na cadeia, é graças a mim, tem coragem, diz! Diz! Podes falar franco, fala. Eu ajo em surdina, camuflada pelas minhas flores, mas contra mim tu não podes fazer nada.

SOLANGE: A menor palavra lhe parece uma ameaça. Recorde-se, Madame, eu sou a criada.

CLAIRE: Por que denunciei o doutor à polícia, consenti em vendê-lo, ficarei à tua mercê? No entanto eu teria feito pior. Melhor. Pensas que não sofri? Claire, eu forcei minha mão, estás ouvindo, lentamente, sem errar, sem riscar, firmemente, forcei-a a traçar essa carta que mandaria meu amante às galés. E tu, em vez de me amparar, me escarneces? Falas de viuvez! O doutor não está morto. Claire, o doutor, de presídio em presídio, será levado até a Guiana. Talvez, eu, a amante, louca de dor, o acompanharei. Estarei no comboio, compartilharei sua glória. Falas de viuvez. O vestido branco é o luto das rainhas, Claire, disto não sabes. Negas-me o vestido branco!

SOLANGE: *(Friamente)* Madame vai por o vestido vermelho.

CLAIRE: *(Simplesmente)* Bem. *(Severa)* Me dá o vestido. Oh! Estou mesmo só em amizade. Vejo em teus olhos que me odeias.

SOLANGE: Eu gosto da senhora.

CLAIRE: Como se gosta de uma patroa, não há dúvida. Gostas de mim e me respeitas. E esperas minha doação, o codicilo em teu benefício...

SOLANGE: Eu faria o impossível...

CLAIRE: *(Irônica)* Eu sei. Me atirarias ao fogo. *(Solange ajuda Claire a por o vestido)* Prenda os colchetes. Puxe com menos força. Não procures me amarrar. *(Solange ajoelha-se aos pés de Claire e lhe arranja as dobras do vestido)* Veja se não me encosta. Afaste-se. Você fede a fera. De que desvão infecto onde à noite os criados a visitam, vocês trazem esses cheiros? O desvão? O quarto das criadas! A mansarda! *(Com graça)* Por lembrança é que me refiro ao cheiro das mansardas, Claire, ali... *(Mostra um ponto do quarto)* Ali, as duas camas de ferro, separadas pelo criado-mudo. Ali, a cômoda de pinhão com o altarzinho da Virgem Santíssima. É exato, não é?

SOLANGE: Somos infelizes. Eu podia chorar.

CLAIRE: É exato. Deixemos nossas devoções à Virgem Santíssima de gesso, nossas ajoelhações. Não devemos nem sequer falar das flores de papel... *(Ri)* de papel! E o galho de buxo bento! *(Mostra as flores do quarto)* Veja só estas acarolas abertas em meu louvor! Eu sou uma virgem mais linda, Claire.

SOLANGE: Cale a boca...

CLAIRE: E lá, a célebre claraboia por onde o leiteiro seminu pula para sua cama!

SOLANGE: Madame se extravia, Madame...

CLAIRE: Suas mãos! Não extravie suas mãos. Já lhe sussurrei bastante! Elas emprestam a pia!

SOLANGE: A queda!

CLAIRE: Ahn?

SOLANGE: *(Arranjando-lhe o vestido)* A queda. Estou ajeitando essa sua queda de amor.

CLAIRE: Afasta-se, labona! *(Dá com o salto Luiz XV na têmpora de Solange. Esta, agachada, vacila e recua)*

SOLANGE: Ladrona, eu? Oh!

CLAIRE: Eu digo lambona. Se insiste em choramingar, faça-o na sua mansarda. Só aceito aqui, em meu quarto, lágrimas nobres. A barra do meu vestido ficará, certo dia, cravejado de lágrimas, porém preciosas. Arranja a cauda cadela!

SOLANGE: Madame se arrebata!

CLAIRE: Em seus braços perfumados o diabo me arrebata. Me levanta, eu decolo, parto... *(Bate com o salto no chão)* e fico. O colar? Anda, não vamos ter tempo. Se o vestido estiver comprido demais, faz uma bainha com alfinetes de fralda. *(Solange levanta-se e vai buscar o colar num estojo, mas Claire passa-lhe à frente e se apodera da joia, tendo seus dedos roçado nos de Solange. Claire horrorizada, recua)* Fique com as mãos longe das minhas, seu toque é imundo. Ande depressa.

SOLANGE: É bom não exagerar. Seus olhos se acendem. Já está alcançando a margem.

CLAIRE: Quer dizer?

SOLANGE: Os limites. Os confins, Madame. Convém manter as distâncias.

CLAIRE: Que linguagem minha filha. Claire? Estás descontando, não é? Estás pressentindo o instante em que sais do meu papel...

SOLANGE: Madame me compreenderá as mil maravilhas. Madame advinha.

CLAIRE: Pressente o instante em que não serás mais criada. Vais te vingar. Estás preparando? Aguçando as unhas? O ódio te despertar. Claire, não esquece, Claire, tu me ouves? Mas Claire, não me estás ouvindo?

SOLANGE: *(Distraída)* Estou ouvindo.

CLAIRE: *(Urrando)* É graças a mim que tu és, e zombas de mim. Não podes calcular como é doloroso ser Madame Claire, servir de pretexto para as momices de vocês. Me custaria tão pouco e deixavas de existir. Mas eu sou boa, e sou bela e te desafio. Meu desespero de amante me faz mais linda!

SOLANGE: *(Desdenhosa)* Seu amante!

CLAIRE: Meu desgraçado amante ainda contribui para minha nobreza, minha filha. Cresço ainda mais para te reduzir e te exaltar. Recorro os teus ardis. É hora!

SOLANGE: Basta! Depressa... Estás pronta?

CLAIRE: E tu?

SOLANGE: *(Com brandura em princípio)* Estou pronta. Já estou farta de ser uma coisa nojenta. Eu também detesto a senhora...

CLAIRE: Calma, menina, calma... *(Bate levemente no ombro de Solange para acalmá-la)*

SOLANGE: Detesto a senhora! Desprezo a senhora. A senhora não me assusta mais não. Desperte a lembrança do seu amante para que ele a proteja. Odeio a senhora.! Odeio o seu seio... de marfim! Suas conhas... de ouro! Seus pés... de âmbar! *(Cospe no vestido vermelho)* Odeio-a senhora!

CLAIRE: *(Sufocada)* Oh! Oh! Mas...

SOLANGE: *(Avançando em cima dela)* Sim, Madame, minha bela madame. Acha que terá carta branca até o fim? Acha que pode furtar a beleza do céu e me privar? Escolher seus perfumes, seus pés, seus carmins para as unhas, a seda, o veludo, a renda, e me privar? E me tomar o leiteiro? Confesso! Confesso, o leiteiro! O viço, a mocidade dele a perturbam, não é? Confesse, o leiteiro. Porque Solange lhe diz: merda!

CLAIRE: *(Desvairada)* Claire! Claire!

SOLANGE: Ahn!

CLAIRE: *(Num murmúrio)* Claire, Solange, Claire.

SOLANGE: Ah! Sim, Claire. Claire lhe diz: merda! Claire! Claire está aí, mais clara do que nunca. Luminosa! *(Esbofeteia Claire)*

CLAIRE: Oh! Oh! Claire... você... Oh!...

SOLANGE: Madame pensava que estava protegida por sua suas barricadas de flores, salvas por um excepcional destino, pelo sacrifício. É porque não contava com a revolta das criadas. Olhe, Madame, ela está crescendo. Vai estourar e desinchar sua aventura. Esse doutor não passava de um triste ladrão e a senhora, uma...

CLAIRE: Eu te proíbo!

SOLANGE: Me proibir! Brincadeira! Madame está interditada. Seu rosto se decompõe. Quer um espelho? *(Estende a Claire um espelho de mão)*

CLAIRE: *(Mirando-se com complacência)* Nele eu estou mais linda. O perigo me aureola, Claire, e tu, tu és só trevas...

SOLANGE: ... infernais! Já sei. Já conheço a tirada. Leio em seu rosto o que devo responder. Portanto irei até o fim. Aí estão as duas criadas. As dedicadas servas! Fique mais bela para desprezá-las. Já não temos medo da senhora. Nós estamos envolvidos, confundidas em nossas exalações, nossos fastos, nosso ódio da senhora. Estamos adquirindo contorno, Madame, não ria. Ah! Sobretudo não ria de minha grandiloquência...

CLAIRE: Retire-se.

SOLANGE: Às suas ordens, mais uma vez, Madame! Volto para a minha cozinha. Lá torno a encontrar as minhas luvas e o cheiro dos meus dentes. O arroto caldo da pia. A senhora tem as suas flores, eu tenho a minha pia. A senhora, pelo menos, não pode me emporcalhar. Mas não vai levar, mas não vai levar nada pro céu, não senhora. Eu preferia acompanhar a senhora até lá do que deixar meu ódio na porta. Ria um pouco, ria e reze rápido, bem rápido. Sua prosa acabou, minha cara! *(Estapeia as mãos de Claire, que protege a garganta)* Baixa as patas e descubra esse pescocinho delicado. Vamos, não trema, não se arrepie. Eu trabalho depressa e sem fazer barulho. Sim vou voltar pra minha cozinha, mas primeiro acabo o serviço. *(De súbito um despertador começa a tocar. Solange se interrompe. As duas atrizes se aproximam emocionadas e escutam; uma colada contra a outra)* Já?!

CLAIRE: Depressa. Madame vai chegar. *(Começa a descolchear o vestido)* Me ajuda, o tempo acabou e não pudeste ir até o fim.

SOLANGE: *(Ajudando-a num tom triste)* É sempre assim. E a culpa é tua. Nunca te aprontas a tempo. Não posso te liquidar.

CLAIRE: O que nos toma tempo são os preparativos. Olha que...

SOLANGE: *(Tira-lhe o vestido)* Vigia a janela.

CLAIRE: Olha que ainda temos margem. Acertei o despertador pra dar tempo de arrumar tudo. *(Com lassidão, deixa-se cair na poltrona)*

SOLANGE: Está abafado, esta noite. Fez mormaço o dia inteiro.

CLAIRE: É. Isso mata a gente, Solange.

SOLANGE: É isso mata a gente, Claire.

CLAIRE: É. *(Levanta-se com lassidão)* Vou aprontar o chá.

SOLANGE: Vigia a janela.

CLAIRE: Tem tempo. *(Limpa o rosto)*

SOLANGE: Ainda estás te olhando... Claire, meu bem...

CLAIRE: Estou cansada.

SOLANGE: *(Dura)* Vigia a janela. Tu és tão desastrada que ias deixar tudo fora do lugar. E tenho de limpar o vestido da Madame. *(Olha a irmã)* O que é que tu tens? Agora já podes parecer contigo. Retoma teu rosto. Vamos, Claire, volta a ser minha irmã...

CLAIRE: Estou exausta. Essa luz me mata. Achas que o pessoal daí de fronte...

SOLANGE: O que é que nós temos com isso? Não ias querer que a gente se... que a gente se organizasse no escuro? Fecha os olhos Claire. Descansa.

CLAIRE: *(Põe seu vestidinho preto)* Oh! Quando digo que estou cansada, é um modo de dizer. Não te aproveitas para me lastimar. Não tentes me dominar.

SOLANGE: Eu queria que tu descansasses. É quando me ajudas mais, quando descansas.

CLAIRE: Eu te entendo, não te expliques.

SOLANGE: Me explico sim. Tu é que começastes. E logo de saída, com aquela alusão ao leiteiro. Pensas que não te percebi? Se Mário...

CLAIRE: Oh!

SOLANGE: Se o leiteiro à noite me diz grosserias, também diz a ti. Mas estavas bem contente de poder...

CLAIRE: *(Ergue os olhos)* É melhor verificar se tudo está em ordem. Olha, a chave da secretária estava colocada deste jeito. *(Arruma a chave)* E sobre os cravos e as rosas é impossível, como bem diz o doutor, a gente deixar...

SOLANGE: *(Vilmente)* Estavas contente ainda agora de poder misturar teus insultos...

CLAIRE: ... de descobrir um fio de cabelo de uma criada ou da outra...

SOLANGE: E os detalhes da nossa vida particular com...

CLAIRE: *(Irônica)* Com? Com? Com quê? Dá nome! Dá nome ao troço. A cerimônia? Aliás, não temos tempo de começar uma discussão aqui. Ela, ela, ela vai chegar. Mas, Solange, desta vez ela está em nossas mãos. Que inveja eu tenho, que lhe visto a cara quando recebeu a notícia da prisão do doutor. Pelo menos desta vez eu trabalhei direitinho. Reconheces? Sem mim, sem a minha carta de denúncia não terias este espetáculo: o amante algemado e Madame em pranto. Ela pode até morrer. De manhã, mal se aguentava de pé.

SOLANGE: Antes isso. Tomara que estoure! E que eu herde, afinal nunca mais por os pés naquela mansarda sórdida, entre aqueles imbecis, entre uma cozinheira e um camareiro.

CLAIRE: Pois eu, gostava de nossa mansarda.

SOLANGE: Não te enterneças. Gostas, pra me contradizer. A mim, que a detesto. Vejo-a tal qual ela é: sórdida e nua. Sem luxo, como diz Madame. Mas também, ora essa, o que é que nós somos? Lixo!

CLAIRE: Ah! Não, não recomeces. É melhor olhar na janela. Eu não enxergo nada, a noite está muito escura.

SOLANGE: Deixa eu falar. Me esvaziar. Eu gostava de mansarda porque aquela pobreza me impunha gestos pobres. Sem reposteiros para erguer, nem tapetes pra pisar, nem móveis pra acariciar... Com os olhos ou o esfregão, nem espelhos, nem balcões. Nada nos forçava a fazer nenhum gesto belo demais. *(A um gesto de Claire)* Mas fica tranquila, na cadeia poderás continuar bancando a tua soberana, tua Maria Antonieta, sair andando à noite pelo apartamento...

CLAIRE: Tu estás louca! Eu nunca saí andando pelo apartamento.

SOLANGE: *(Irônica)* Oh! A senhorita nunca saiu por aí! Envolta nas cortinas ou então na colcha de renda, não é? Se contemplando nos espelhos, se pavoneando na sacada e saudando, às duas da manhã, o povo que acorrera para desfilar sob suas janelas. Nunca, não é? Nunca!

CLAIRE: Mas, Solange...

SOLANGE: A noite é muito escura para espiar Madame. Na tua sacada tu te julgavas invisível. Que pensas que eu sou? Não vais me dizer agora que é sonâmbula. No ponto em que estamos, podes confessar.

CLAIRE: Mas, Solange, estás gritando. Por favor, fala mais baixo. Madame pode chegar sorrateiro... *(Corre até a janela e ergue a cortina)*

SOLANGE: Deixa a cortina em paz, já acabei. Não gosto de te ver levantá-la assim, teu gesto me agita. Deixe-a cair. Na manhã que foi preso, espiando os policiais, o doutor fez assim.

CLAIRE: O menor dos gestos te parece um gesto de assassino, que tenta fugir pela escada de serviço. Agora estás com medo.

SOLANGE: Zomba para me acirrar. Zomba, anda! Ninguém gosta de mim! Ninguém gosta de nós!

CLAIRE: Ela, ela gosta de nós. Ela é boa. Madame nos adora.

SOLANGE: Gosta de nós como das poltronas dela. E olha lá! Como da louça cor de rosa das latrinas dela. Como o bidê. E nós, nós não podemos gostar uma da outra. A sujeira...

CLAIRE: Ah!

SOLANGE: ... não gosta de sujeira. E achas que vou tomar partido da sujeira, continuar com este brinquedo e de noite voltar para o meu catre? E será que ainda podemos continuar com o brinquedo? E eu, se não puder mais cuspir na cara de alguém que me chama de Claire, engasgo com os meus escarros. Minha cusparada é meu chuveiro de brilhantes.

CLAIRE: *(Levanta-se e chora)* Fala mais baixo, por favor. Fala. Fala da bondade de Madame.

SOLANGE: A bondade dela! É fácil ser boa, e sorridente, e meiga. Ah! A meiguice dela! Quando se é linda e rica! Mas ser criada e boa! A gente se contenta em desfilar enquanto vai arrumando a casa ou lavando a louça. Brandimos um espanador como se fosse um leque. Fazemos gestos elegantes com o avental. Ou então, como tu, alta noite, nos damos o luxo de armar um desfile histórico nos aposentos de Madame.

CLAIRE: Solange! Outra vez! O que é que estás querendo? Pensas que as tuas acusações é que vão nos acalmar? A teu respeito eu podia contar outras melhores.

SOLANGE: Tu? Tu?

CLAIRE: Perfeitamente, eu se quisesse. Por que afinal de contas.

SOLANGE: Afinal de contas? O que é que estás insinuando? Tu é que falaste nesse homem. Claire, eu te odeio.

CLAIRE: Te pago na mesma moeda. Mas não vou buscar o pretexto de um leiteiro para te ameaçar.

SOLANGE: De nós duas, qual é a que ameaça a outra? Ahn! Vacilas?

CLAIRE: Experimenta só. Atira primeiro. Tu é que recuas, Solange. Não ousas me acusar do mais grave: minhas cartas à polícia. A mansarda ficou soterrada sobre os meus rascunhos... Sob páginas e mais páginas. Inventei as piores histórias e as mais lindas e tu te aproveitavas. Ontem a noite, bancando Madame com o vestido branco, tu exultavas, exultavas, tu já devias subir furtivamente na embarcação dos deportados, no...

SOLANGE: No Lamartinière.

CLAIRE: Seguias o Doutor, teu amante... fugia da França. Partia para a ilha do Diabo ou para Guiana, com ele! Um belo sonho! Por que eu tinha a coragem de mandar minhas cartas

anônimas, tu te davas ao luxo de ser uma prostituta de algo bordo, uma hetaira. Estavas feliz com teu sacrifício, de levar a cruz do mau ladrão, enxugar-lhe o rosto, ampara-lo, te entregares aos galés para que lhe seja concedido um pequeno alívio.

SOLANGE: Mas tu, ainda agora, quando falavas em acompanhá-lo.

CLAIRE: Isso eu não nego, retomei a história no ponto em que a deixaste. Mas com menos violência. Já na mansarda, no meio das cartas, o teu corpo balanceava com o jogo do navio.

SOLANGE: Tu não te vias.

CLAIRE: Via sim! Posso me ver no teu rosto, observar os estragos que a nossa vítima faz nele! O doutor agora está trancafiado. Alegremo-nos. Pelo menos ficamos livres de suas zombarias. E tu terás mais liberdade para te refestelares no seu tórax, inventarás melhor o torso e as pernas dele, espiarás o jeito dele andar. O jogo do navio se fazia balancear! Já te abandonavas a ele. Com o risco de nos perder.

SOLANGE: Como?

CLAIRE: Eu explico. Perder. Para escrever as minhas cartas de denúncia a polícia, eu precisava de fatos, tinha de fitar datas. E o que é que eu fiz? Ahn? Vê se te lembras. Minha cara, vossa rósea confusão é encantadora. Te envergonhas. Mas no entanto estavas lá! Dei busca nos papéis de Madame até descobrir a célebre correspondência...

(PAUSA)

SOLANGE: E depois?

CLAIRE: Oh! Mas tu acabas por me irritar! Depois? Está bem, depois quiseste conservar as cartas do doutor. E ainda ontem à noite, na mansarda, restava uma carta do doutor para Madame! Eu descobri!

SOLANGE: *(Agressiva)* Mexendo nos meus guardados, ahn.

CLAIRE: É meu dever.

SOLANGE: Agora sou eu que espanto com teus escrúpulos...

CLAIRE: Não sou escrupulosa, sou prudente. Enquanto eu arriscava tudo, de joelhos no tapete, para forçar a fechadura e a escrivaninha, para compor uma história com materiais exatos, tu, inebriada com o tema de teu amante criminoso, culpado e degredado, me abandonavas!

SOLANGE: Eu tinha ajeitado um espelho para enxergar a porta da rua. Estava de alcateia.

CLAIRE: Não é verdade. Eu reparo em tudo e há muito tempo que te venho observando. Com tua habitual prudência, ficaste parada na porta da copa, pronta a pular pro fundo da cozinha assim que Madame chegasse!

SOLANGE: Mentira, Claire, eu estava vigiando o corredor...

CLAIRE: É falso! Por pouco Madame não me pilhou com a boca na botija! Tu, sem saber se as minhas mãos tremiam procurando os papéis, tu te mandavas, através dos mares transpunhas o Equador.

SOLANGE: *(Irônica)* E tu, ahn? Com esse ar de que não sabes nada sobre os teus arroubos! Vamos ver se tens coragem, Claire, de declarar que nunca sonhaste com um forçado! Que nunca sonhaste precisamente com ele! Vê se tens coragem de dizer que não o denunciaste justamente — justamente — que palavra linda! Pra que ele servisse a tua aventura secreta.

CLAIRE: Sei tudo isso e mais alguma coisa. Sou mais lúcida. Mas a história, tu é que a inventaste. Olha pra cá. Ah se tu te visses. Solange, o sol da mata virgem ainda está luzindo no teu rosto. Estás preparando a evasão do teu amante. *(Ri nervosamente)* Como te trabalhas! Mas podes ficar tranquila, eu te detesto por outros motivos. Bem sabe quais.

SOLANGE: *(Baixando a voz)* Não tenho medo de ti. Não duvido do teu ódio, de tua esperteza, mas presta bem atenção. A mais velha sou eu.

CLAIRE: E o que significa isso, a mais velha? E a mais forte? Me obrigas a falar desse

homem para despistar meus olhos. Vamos! Pensas que não te descobri? Tentaste matá-la.

SOLANGE: Estás me acusando?

CLAIRE: Não negues. Eu te vi. *(Longa pausa)* E fiquei com medo, com medo, Solange. Quando executamos a cerimônia, eu protejo meu pescoço. Através de Madame é a mim que estás visando, sou eu que corro perigo.

(Longa pausa. Solange dá de ombros)

SOLANGE: *(Decidida)* Tentei sim. Queria te libertar. Eu já não podia mais. Sufocada te vendo sufocar, enribescar, esacerdear, apodrecer na doçura e no azedume dessa mulher. Tens razão em me censurar, por te querer demais. Seria a primeira a me denunciar se eu a tivesse matado. Por ti é que eu seria entregue a polícia.

CLAIRE: *(Segura-a pelos punhos)* Solange...

SOLANGE: *(Se desprendendo)* De que tens medo? O caso é comigo.

CLAIRE: Solange, minha irmãzinha. Eu é que errei. Ela vai chegar.

SOLANGE: Não matei ninguém. Fui covarde, compreendes. Fiz tudo o que podia, mas ela se voltou, dormindo, respirava baixinho. Ondulava os lençóis: era Madame.

CLAIRE: Cala a boca.

SOLANGE: Ainda não. Tu querias saber, espera, que eu te conto outras. Vais ver como ela é feita, a tua irmã. Do que é feita, a composição de uma criada: eu queria estrangular...

CLAIRE: Pensa no céu. Pensa no céu. No que há depois.

SOLANGE: Não há nada. Já estou farta de me ajoelhar em bancos. Na igreja eu queria o veludo vermelho das abadessas ou a pedra dos penitentes, mas pelo menos nobre seria minha

atitude. Olha! Olha só como ela sofre bem, como sofre bonito. Transfigurada pela dor, embelezada! Quando soube que o amante era ladrão, enfrentou a polícia. Exultava! Agora é uma abandonada magnífica, amparada em cada braço por duas servas solícitas e desaladas ante o seu sofrimento. Viste? Sua tristeza cintilando ao clarão das joias, de cetim dos trajes, dos lustres! Claire, a beleza do meu crime devia resgatar a pobreza de meu sofrimento. Depois eu ateava fogo!

CLAIRE: Calma, Solange. O fogo podia não pegar. Te descobririam. Bem de que espera os incendiários.

SOLANGE: Eu sei tudo. Colei os olhos e as orelhas às fechaduras, escutei atrás das portas mais do que qualquer outra criada. Sei tudo! Incendiária! Mas é um título admirável.

CLAIRE: Cala a boca. Me fazes ficar sem ar. Estou sufocada! *(Quer entreabrir a janela)* Ah! Um pouco de ar neste quarto!

SOLANGE: *(Inquieta)* Que queres fazer?

CLAIRE: Abrir.

SOLANGE: Tu também? Eu há muito tempo estou sufocando! Há muito tempo estou querendo fazer o nosso jogo na cara de todo mundo, berrar minha verdade por cima dos telhados, descer à rua com os ares de Madame...

CLAIRE: Cale a boca. Eu queria dizer...

SOLANGE: Ainda é cedo, tens razão. Sai da janela. Abre a porta da antecâmara e da cozinha. *(Claire abre uma porta e a outra)* Vai ver se água está fervendo.

CLAIRE: Sozinha?

SOLANGE: Então espera, espera ela chegar. Ela vem com suas estrelas, sua lágrima, seus sorrisos, seus suspiros. Vai nos corromper com a doçura dela.

(O telefone toca, as duas escutam)

CLAIRE: *(Atendendo o telefone)* O doutor? É o doutor... Claire, doutor. *(Solange quer escutar, Claire a afasta)* Sim senhor, eu aviso Madame. Madame vai ficar contente de saber que o doutor está em liberdade. Sim senhor, vou anotar. Doutor espera Madame no Bilboquê. Muito bem, boa noite doutor. *(Quer desligar mas a mão treme e ela põe o fone na mesa)*

SOLANGE: Ele saiu?

CLAIRE: O juiz lhe dá a liberdade provisória.

SOLANGE: Mas... então gorou tudo.

CLAIRE: *(Seca)* Como estás vendo.

SOLANGE: Os juízes tiveram o topete de soltá-lo. Ludibriam a justiça, nos insultam! Se o doutor está livre, vai fazer um inquérito, vai dar busca na casa para descobrir a culpada. Estou me perguntando se tu avalias a gravidade da situação.

CLAIRE: Fiz o que pude, por nossa conta o risco.

SOLANGE: Trabalhaste muito bem. Meus cumprimentos. Tuas denúncias, tuas cartas, tudo funciona as mil maravilhas. E se reconhecerem tua letra, vai ser perfeito. E porque é que ele vai para o Bilboquê antes de passar em casa? Podes explicar?

CLAIRE: Já que és assim tão habilidosa, devias ter dado conta do caso com Madame. Mas ficaste com medo, o ar estava perfumado, o leite morno. Era Madame. Só nos resta continuar nesta vida, recomeçar o jogo.

SOLANGE: O próprio jogo é um perigo. Tenho certeza que deixamos pistas. Por tua culpa. Deixamos todas as vezes. Estou vendo a multidão de pistas, que nunca poderei apagar. Ele, ela passando no meio e se apoderando daquilo tudo, decifrando, colocando a pontinha de rósseo pé em cima de nossas pistas. E nos descobre, primeiro uma depois da outra. Por tua culpa, Madame zomba de nós. Madame saberá de tudo. É só colocar a campainha e está servida.

Ficará sabendo que a gente usava vestidos dela, roubava gestos dela, enrolava o amante dela com nossas macaquices. Tudo vai falar, Claire. Tudo nos acusará. As cortinas marcadas por teus ombros, os espelhos, por meu rosto, a luz que se acostumou com as nossas loucuras, a luz vai confessar tudo. Por causa do teu desmazelo, tudo está perdido.

CLAIRE: Tudo está perdido porque não tiveste a força necessária para...

SOLANGE: Para...

CLAIRE: Matá-la.

SOLANGE: Ainda posso encontrar a força necessária.

CLAIRE: Onde? Onde? Não estás tão transportada como eu. Não vives acima da copa das árvores. Um leiteiro que atravesse tua cabeça atordoa.

SOLANGE: Foi por não ver a cara dela, Claire. Porque fiquei, de repente, tão perto de Madame, pois estava perto do seu sono. Fui perdendo a força. Era preciso levantar o lençol, suspenso pelo seu seio, para achar a garganta.

CLAIRE: *(Irônica)* E os lençóis estavam mornos. A noite negra. Essas coisas a gente faz é em plena luz do dia. És incapaz de executar um ato terrível. Mas eu, eu posso conseguir. Eu sou capaz de tudo, bem sabes.

SOLANGE: O gardenal.

CLAIRE: Sim. Vamos falar serenamente. Eu sou forte. Tentaste me dominar...

SOLANGE: Mas, Claire...

CLAIRE: *(Calmamente)* Perdão. Sei o que estou dizendo. Sou Claire. E estou pronta. Farta. Farta de bancar a aranha, a capa de guarda-chuva, a religiosa sórdida e sem Deus, sem família! Farta de ter um forno como altar. Eu sou chata, a putrefacta. Aos teus olhos também.

SOLANGE: *(Abraça os ombros de Claire)* Claire... estamos nervosas. Madame não chega. Eu também já não aguento mais. Não aguento mais a nossa semelhança, não aguento mais as minhas mãos, as minhas meias pretas, o meu cabelo. Não te censuro minha caçulinha. As tuas passeatas te desabafam...

CLAIRE: *(Irritada)* Ah! Esquece.

SOLANGE: Eu também queria te ajudar. Bem queria te consolar, mais sei que te enojo. Te causo repugnância, e sei disso porque me dás nojo. A gente se gostar na servidão não é gostar.

CLAIRE: E se gostar demais, mas já cansei desse espelho terrível que me envolve a minha imagem como se fosse um mau cheiro. És o meu mau cheiro. Pois bem! Estou pronta. Terei minha coroa. Poderei passear pelos aposentos.

SOLANGE: Mas assim mesmo, a gente não pode matá-la por tão pouco.

CLAIRE: É mesmo? Não basta? E por que, se me fazes o favor? Por que outro motivo? Quando, onde, encontraremos um pretexto melhor? Não é suficiente? Esta noite Madame verá nosso embaraço, rindo às gargalhadas, chorando de rir, com aqueles suspiros grossos! Não. Hei de ter a minha coroa. Serei a envenenadora que não soubeste ser. É a minha vez de te dominar.

SOLANGE: Mas eu nunca...

CLAIRE: Me dá o guardanapo! Me dá os alfinetes de fralda! Descasca as cebolas! Rala as cenouras! Lava os ladrilhos! Acabou-se. Está acabado. Ah! ia me esquecendo Fecha a torneira! Acabou. Eu disporei o mundo.

SOLANGE: Minha caçulinha!

CLAIRE: Tu me ajudarás.

SOLANGE: Tu não saberás os gestos necessários. As coisas são mais graves, Claire, mais simples.

CLAIRE: Nós lemos a história de Sóros Santa Cruz do Vale-Bendito, que envenenou vinte e sete árabes. Caminhava descalça. Os pés anquilosados. Foi erguida, transportada para o crime. Lemos a história da Princesa Albanarez, que provocou a morte do amante e do marido. Com o frasco destampado ela fez sobre o chávena um grande sinal da cruz. Parada diante dos cadáveres, viu somente a morte e muito longe a sua própria imagem fugidia, levada pelo vento. Ela fez todos os gestos do desespero terrestre. No livro da Marquesa de Veneza, a que envenenou os filhos, diz que ela se aproximou do leito sustentada sob os braços do fantasma do amante.

SOLANGE: Caçulinha, meu anjo!

CLAIRE: Eu serei sustentada pelo braço rijo do leiteiro, ele não recuará. Apoiarei na sua nuca a minha mão esquerda. Tu me ajudarás. E se for preciso ir mais longe, Solange, se eu tiver de partir para as galés, tu me acompanharás, virás a bordo, Solange, nós duas juntas, seremos esse casal eterno, do criminoso e da santa. Seremos salvas, Solange, eu te juro, salvas! *(Cai sentada no leito de Madame)*

SOLANGE: Calma. Eu te levo lá pra cima. Vais dormir.

CLAIRE: Me deixa. Escurece. Escurece um pouco, por favor.

SOLANGE: *(Apaga a luz)* Descansa. Descansa, irmãzinha. *(Ajoelha-se, descalça, Claire e beija-lhe os pés)* Calma, meu bem. *(Acaricia-a)* Descansa os pés aí. Fecha os olhos.

CLAIRE: *(Suspira)* Estou com vergonha, Solange.

SOLANGE: *(Com muita doçura)* Não fales. Deixa que eu faço. Vou te ninar. Quando dormires te levo para mansarda e te deito na tua caminha. Dorme, eu fico aqui.

CLAIRE: Estou com vergonha, Solange.

SOLANGE: Pohhh! Deixa eu te contar um caso.

CLAIRE: *(Queixosamente)* Solange?

SOLANGE: Meu anjo?

CLAIRE: Solange, escuta.

SOLANGE: Dorme.

(Longa pausa)

CLAIRE: Teu cabelo é bonito. Que cabelo bonito. O dela...

SOLANGE: Não fales mais dela.

CLAIRE: O dela é postiço. *(Longa pausa)* Lembras? Nós duas. Debaixo da árvore. Com os pés no sol? Solange?

SOLANGE: Dorme. Estou aqui, sou tua irmãzona.

(Pausa)

(Depois de um instante Claire se levanta)

CLAIRE: Não! Não! Nada de fraqueza! Acende a luz! Acende! A hora é linda demais! *(Solange acende a luz)* De pé! Vamos comer. O que é que tem na cozinha? Ahn? É preciso comer pra ficar forte. Vem. Vais me aconselhar. O gardenal?

SOLANGE: É o gardenal.

CLAIRE: O gardenal. Não faças essa cara. É preciso ficar alegre, cantar. Vamos cantar! Canta, como quando tu fores mendigar nas cortes e nas embaixadas. Temos de rir. *(As duas caem na gargalhada)* Senão a tragédia vai nos fazer voar pela janela. Fecha a janela. *(Rindo Solange*

fecha a janela) O assassinato é uma coisa... indizível. Vamos cantar. Vamos levá-la para um bosque e à luz do luar, no pinheiral, vamos picá-la em pedacinhos. Cantaremos! A enterraremos sob as flores em nosso jardim, que à noite regaremos com um regadorzinho! *(Toque de campainha na porta de entrada do apartamento)*

SOLANGE: É ela. É ela que voltou. *(Segura a irmã pelos pulsos)* Claire, tu tens certeza de aguentar a mão?

CLAIRE: Precisa quantos?

SOLANGE: Põe dez. No chá de tília dela. Dez comprimidos de gardenal. Mas não terás coragem.

CLAIRE: *(Desprende-se, vai arrumar a cama. Solange a fita por um instante)* O tubo está aqui comigo. Dez.

SOLANGE: *(Muito rápido)* Dez. Nove não bastam. Mais, ela vomita. E faz o chá bem forte. Tu entendeste?

CLAIRE: *(Murmura)* Sim.

SOLANGE: *(Vai sair mas reconsidera. Com voz natural)* Com muito açúcar.

(Sai pela esquerda: Claire continua a arrumar o quarto e sai pela direita: passa-se alguns segundos, ouve-se nos bastidores uma risada nervosa. Seguida por Solange, Madame, coberta de peles, entra rindo)

MADAME: Cada vez mais! Gladíolos horrorosos, de um rosa doentio e mimosa! Vai ver que essas loucas correm ao mercado antes do amanhecer para comprar as flores mais barato. Tanta solicitude, minha cara Solange, com uma patroa indigna, tantas rosas para ela, enquanto o doutor é tratado como criminoso! Por que... ouve, Solange, à tua irmã e a ti, vou dar mais uma prova de confiança. Perdi toda esperança. Desta vez o doutor vai mesmo pra cadeia. *(Solange tira-lhe o casaco de peles)* Pra cadeia, Solange! Para a cadeia! E em circunstâncias infernais! O que é que me dizes! Aí tens tua patroa envolvida na mais sórdida das questões, a mais idiota! O doutor estendido sobre um feixe de palha e vocês me aprontando nesta alcova florida!

SOLANGE: Madame não deve perder o controle. As prisões já não são como no campo da Bastilha...

MADAME: Já sei que a palha úmida dos calabouços não existe mais. O que não impede minha imaginação de inventar para o doutor as piores torturas. As prisões estão repletas de facínoras perigosos e ele, que é a delicadeza em pessoa, terá de conviver com eles! Eu morro de vergonha! Enquanto ele tenta compreender qual seria o seu crime, eu estou aqui, passeando em jardins, debaixo de caramanchões, com o desespero na alma. Estou arrasada.

SOLANGE: As mãos de Madame estão geladas.

MADAME: Estou arrasada. Cada vez que entrar em casa será com o coração batendo assim, com esta horrível violência e um belo dia caio morta sob as flores de vocês. Já que é o meu túmulo que estão preparando, já que desde alguns dias vocês vêm acumulando no meu quarto flores fúnebres. Senti muito frio, mas não terei o topete de me lastimar. A noite inteira me arrastei de corredor em corredor. Vi homens gelados, restos de mármore, cabeças de cera, mas pude avistar o doutor. Ah! Muito de longe. Com a ponta dos dedos fiz-lhe um sinalzinho. Só. Me sentia culpada. E vi-o desaparecer entre dois guardas-civis.

SOLANGE: Guardas-civis? A senhora tem certeza? Deviam ser carcereiros.

MADAME: Sabes coisas que eu ignoro. Carcereiros ou guardas-civis, levaram o doutor. Estive ainda agora com a mulher de um juiz. Claire!

SOLANGE: Está preparando o chá de tília de Madame.

MADAME: Então que se apresse! Desculpe, minha pobre Solange. Perdão. Tenho até vergonha de exigir o meu chá quando o doutor está lá, só, sem alimento, sem cigarros, sem nada. As pessoas em geral desconhecem o que é a prisão. Não tem imaginação. Eu tenho demais. Minha sensibilidade me fez sofrer. Atrozmente. Sorte têm vocês duas, Claire e tu, que estão sozinhas no mundo. Sei lá de quantas desgraças estão vocês livres graças à humildade de sua condição!

SOLANGE: Eles logo vão ver que o doutor é inocente.

MADAME: E é! Mas inocente ou culpado eu nunca o abandonarei. Assim é que reconhecemos nosso amor por alguém: o doutor não é culpado, mas se fosse eu me tornaria sua cúmplice. Segui-lo-ia até a Guiana, até a Sibéria. Sei que ele vai se arranjar, mas pelo menos está história imbecil me permite tomar consciência da minha dedicação; e este acontecimento, que devia nos separar, nos une cada vez mais. E chega quase a me tornar mais feliz. Com uma felicidade monstruosa! O doutor não é culpado, mas se o fosse, com que júbilo eu carregaria sua cruz! De etapa em etapa, de prisão em prisão, até o degredo eu o acompanharia. A pé, se, for preciso. Até o degredo, Solange, até o degredo! Quero fumar um cigarro!

SOLANGE: Eles não deixavam. Nem as mulheres dos bandidos, nem as irmãs, nem as mães podem sequer acompanhá-los.

MADAME: Bandido! Que linguagem, minha filha! E que ciência! Um condenado já não é um bandido. Depois eu romperia as barreiras. E, Solange, eu empregaria todas as audácias, todos os ardis.

SOLANGE: Madame é corajosa.

MADAME: Ainda não me conhece. Até agora tu e tua irmã têm visto uma mulher cercada de cuidados e ternura, preocupada com os seus chás e suas rendas, mas há muito tempo deixei minhas manias. Sou forte. E pronta para luta. Além disso, o doutor não está ameaçado de ir à forca. Mas é bom que eu me eleve até mesmo a esse nível. Preciso dessa exaltação para pensar mais rápido. E dessa rapidez para olhar melhor. E talvez consiga, assim, adivinhar que infernal polícia é essa que, em minha própria casa dispõe de espiões misteriosos.

SOLANGE: Não deve perder a cabeça. Já vi casos mais graves serem absolvidos. No tribunal de Aix-en-Provence...

MADAME: Casos mais graves? E o que é que sabes do seu caso?

SOLANGE: Eu? Nada. É pelo que Madame disse. Suponho que só pode ser um caso sem perigo...

MADAME: Estás gaguejando. E o que é que tu sabes de absolvições? Frequentas os tribunais? Tu?

SOLANGE: Leio as reportagens. Eu estava falando de um homem que tinha cometido uma coisa pior. Quer dizer...

MADAME: O caso do doutor não tem comparação. Foi acusado de furtos idiotas. Estás satisfeita? De furtos! Idiotas! Idiotas como essas cartas de denúncia que o fizeram prender.

SOLANGE: Madame devia repousar.

MADAME: Não estou cansada. Chega de me tratar como uma impotente. A partir de hoje não sou mais a patroa que lhes permitia aconselhar e distrair minha preguiça. Não é a mim que devem lastimar. Seus gemidos me seriam intoleráveis. A bondade de vocês me irrita. Me esmaga. Me asfixia. Essa solicitude que depois de tantos anos não conseguiu tornar-se verdadeiramente afetuosa. E essas flores aí, festejando justamente o oposto de uma boda. Só lhes faltavam acender a lareira para me aquecer. Há por acaso uma lareira na cela em que ele está?

SOLANGE: A lareira não está acesa, Madame. E se Madame sugere que fomos indiscretas...

MADAME: Mas não estou sugerindo nada disso.

SOLANGE: Madame quer ver as contas de hoje?

MADAME: Francamente! Que inconsciência! Achas que tenho cabeça para lidar com algarismos? Mas afinal de contas, Solange, será que me despreza ao ponto de me recusares a menor delicadeza? Falar de algarismos, cadernos de armazém, receitas de copa e cozinha, quando quero ficar só, em paz com a minha tristeza? Por que não convoca logo todos os fornecedores?

SOLANGE: Nós compreendemos a tristeza de Madame.

MADAME: Não quero forrar de preto o apartamento, mas afinal...

SOLANGE: *(Arrumando a capa de peles)* O forro rasgou. Levo amanhã ao peleteiro para

consertar.

MADAME: Como quiseres, se bem que não valha a pena. Agora abandono as toaletes. Aliás, sou uma mulher velha. Não é verdade Solange, que estou velha?

SOLANGE: Olha as ideias negras outra vez...

MADAME: São ideias de luto, não te espantes. Como poderia pensar nas minhas peles e toaletes com o doutor na prisão. Se vocês acharem que o apartamento ficou triste demais.

SOLANGE: Oh! Madame...

MADAME: Reconheço que vocês não têm a menor obrigação de compartilhar meu infortúnio.

SOLANGE: Nunca abandonaremos Madame. Depois de tudo que Madame fez por nós.

MADAME: Eu sei, Solange. Vocês têm sido muito infelizes?

SOLANGE: Oh!

MADAME: São um pouco minhas filhas. Com vocês a vida ficará menos triste para mim. Iremos para o interior. Terão as flores do jardim. Mas vocês duas não gostam de brincar. São moças e não riem nunca. Na roça ficarão à vontade. Pretendo mimar vocês. E depois deixo para as duas, todos os bens que possuo. Aliás, do que é que ainda precisam? Só com os meus vestidos usados já podiam se exibir como princesas. E os meus vestidos... *(Vai ao guarda roupa e olha seus vestidos)* Para quem serviriam? Renuncio a vida elegante.

(Entra Claire, trazendo o chá de tília)

CLAIRE: O chá está pronto.

MADAME: Adeus, bailes, noitadas, teatro!... Vocês é que herdarão tudo.

CLAIRE: *(Seca)* Conserve suas toaletes, Madame.

MADAME: *(Com um sobressalto)* Como?

CLAIRE: *(Calma)* Devia até encomendar outras, mais lindas.

MADAME: Eu, nos modistas? Como? Acabo de explicar à tua irmã: doutor está preso. Sei que vou precisar de um "pretinho" para as minhas visitas ao parlatório. Mas daí a...

CLAIRE: Madame ficará elegantíssima. Sua própria tristeza dará novos pretextos.

MADAME: Ahh? Vai ver que tens razão. Continuarei a me vestir para o doutor. Mas então, será que tenho de inventar o luto do exílio do doutor? Há de ser mais suntuoso que o da morte. Farei toaletes novas mais lindas. E vocês me ajudarão, usando as velhas. Dando-as a vocês, eu talvez atraia clemência para o doutor. Nunca se sabe.

CLAIRE: Mas, Madame...

SOLANGE: O chá pronto, Madame.

MADAME: Põe aí. Daqui a pouco eu tomo. Terão os meus vestidos. Dou tudo para vocês.

CLAIRE: Nós nunca poderemos substituir Madame. Se Madame soubesse das nossas preocupações quando arranjamos as suas toaletes! O armário de Madame, para nós, é como a capela da Virgem-Santa. Quando o abrimos...

SOLANGE: *(Seca)* O chá vai esfriar.

CLAIRE: Escancaremos as duas portas nos nossos dias de festa. Mal podemos olhar para os vestidos, não temos o direito. O armário de Madame é sagrado. É sua grande rouparia!

SOLANGE: Você está falando demais, cansando Madame...

MADAME: Acabou-se. *(Acaricia o vestido de veludo vermelho)* Meu lindo "fascinação", o mais bonito. Pobre lindeza. Foi Lanvin que desenhou para mim. Especialmente. Tomem. Eu lhes dou. Te dou de presente, Claire! *(Dá o vestido a Claire e procura no armário)*

CLAIRE: Oh! Madame deu mesmo? De verdade?

MADAME: *(Sorrindo suavemente)* Mas claro. Se estou te dizendo.

SOLANGE: Madame é bondosa demais. *(A Claire)* Pode agradecer a Madame. Há tanto tempo você o admirava.

CLAIRE: Nunca terei coragem de vesti-lo. Ele é tão lindo!

MADAME: Podes reformar. Só na cauda há veludo bastante para fazer as mangas. Ficará bem quente. Conheço vocês, precisam de tecidos fortes. E tu, Solange, o que é que eu poderia te dar? Darei... Olha aqui, minhas raposas. *(Pega-as e as coloca na poltrona do centro)*

CLAIRE: Oh! O mantô do desfile!

MADAME: Que desfile?

SOLANGE: Claire quer dizer que Madame somente o usava nas grandes ocasiões.

MADAME: Absolutamente. Enfim, vocês têm sorte de ganhar vestidos. Eu, se os quiser, tenho de comprar. Mas encomendarei outros mais ricos, para dar maior magnificência ao luto pelo doutor.

CLAIRE: Madame é linda!

MADAME: Não, não. Não me engrandeçam. É tão agradável semear felicidade ao redor da gente. Quando eu só penso em fazer o bem! Quem pode ter a maldade de me castigar? E castigar

por que? Eu me julgava tão ao abrigo da vida, tão protegida pela dedicação de vocês. Tão protegida pelo doutor. E toda essa coalizão de amizades não pode erguer uma barricada capaz de interceptar o desespero. Estou desesperada! Cartas! Cartas que só eu, unicamente conheço. Solange?

SOLANGE: *(Saudando a irmã)* Sim, Madame.

MADAME: *(Aparecendo)* Como? Oh, fazes mesuras a Claire? Pensei que tinham mesmo propensão para brincar.

CLAIRE: O chá, Madame.

MADAME: Solange, eu te chamei para perguntar... ora essa, quem mexeu outra vez na chave da escrivaninha?... Para perguntar o que é que tu achas. Quem poderia ter mandado essas cartas? Não tens a menor ideia! Naturalmente vocês duas estão como eu. Abismadas como eu. Mas isto se esclarecerá, minhas meninas. O doutor saberá deslindar o mistério. Quero que analisem a caligrafia e descubram quem é que pode maquinar uma trama de tal ordem. O telefone... quem desligou o telefone? E por que? Tocaram para cá?

(Pausa)

CLAIRE: Foi eu? Foi quando o doutor...

MADAME: Doutor? Que doutor? *(Claire está muda)* Fale!

SOLANGE: Quando o doutor telefonou.

MADAME: Que estás dizendo? Da prisão? O doutor telefonou da prisão?

CLAIRE: Queríamos fazer uma surpresa a Madame.

SOLANGE: O doutor está em liberdade provisória.

CLAIRE: Espera Madame no Bilboquê.

SOLANGE: Oh! Se Madame soubesse!

CLAIRE: Madame nunca nos perdoará.

MADAME: *(Levantando-se)* E vocês não diziam nada! Um carro. Solange, depressa, um carro. Mas anda. Corre, ora essa! *(Empurra Solange para fora do quarto)* Minhas peles! Mas, mais depressa! Vocês são loucas ou sou eu que estou ficando. *(Veste o mantô de peles — à Claire)* Quando ele chamou?

CLAIRE: *(Com voz branda)* Cinco minutos antes de Madame chegar.

MADAME: Mas deviam me dizer. E este chá que está frio. Não poderei nunca esperar por Solange. Oh! O que foi que ele disse?

CLAIRE: O que eu disse agora. Estava muito calmo.

MADAME: Ah! Sempre o mesmo. A sentença de morte o deixaria impassível. É um temperamento. E depois?

CLAIRE: Nada. Disse que o juiz o punha em liberdade.

MADAME: Como se pode sair do Palácio da Justiça à meia-noite? Os juízes trabalham assim tão tarde?

CLAIRE: Às vezes até muito mais tarde.

MADAME: Muito mais tarde? Como é que tu sabes?

CLAIRE: Estou ao par. Leio *Detetive*.

MADAME: *(Assombrada)* Ah! É mesmo? Ora vejam, que engraçado. É mesmo uma moça esquisita, Claire. *(Olha o relógio pulseira)* Ela podia se apressar. *(Longa pausa)* Não te esqueças de mandar coser o forro do meu mantô.

CLAIRE: Levarei amanhã ao peleteiro.

(Longa pausa)

MADAME: E as contas? As contas de hoje. Tenho tempo. Quero vê-las.

CLAIRE: Solange é que cuida disso.

MADAME: É verdade. Além disso, estou com a cabeça oca, amanhã eu confiro. *(Olhando Claire)* Chega aqui um pouquinho! Vem! Mas... tu estás de *rouge*! *(Rindo)* Mas Claire, tu te...

CLAIRE: *(Muito contrafeita)* Madame...

MADAME: Ah! Não mintas! Aliás, tens toda razão. Vive, minha filha, vive. É em homenagem a quem? Confessa.

CLAIRE: Pus um pouco de pó.

MADAME: Isso não é pó de arroz. É *rouge*, é "Cinza de Rosas", um *rouge* velho que não uso mais. Tens toda razão. Ainda estás moça, embeleza-te, minha filha. Arranja-te. *(Põe-lhe uma flor no cabelo. Consulta o relógio-pulseira)* Que será que ela está fazendo? É meia-noite e ainda não voltou!

CLAIRE: Os táxis são difíceis. Deve ter ido procurar no estacionamento.

MADAME: Achas? Eu não tenho noção de tempo. A felicidade me enlouquece. O doutor, telefonando que está livre e uma hora destas!

CLAIRE: Madame devia sentar-se. Vou aquecer o chá. *(Vai sair)*

MADAME: Não, não. Não estou com sede. Esta noite é champagne que vamos beber. Hoje não voltamos.

CLAIRE: Mas com toda certeza um pouco de chá...

MADAME: *(Rindo)* Já estou mais do que excitada.

CLAIRE: Justamente.

MADAME: E nada de ficarem a nossa espera, tu e Solange. Vão já já para cama. *(De repente vê o despertador)* Mas... esse despertador? Que está fazendo aí? De onde vem?

CLAIRE: *(Muito embaraçada)* O despertador? É o despertador da cozinha.

MADAME: Isso? Eu nunca vi.

CLAIRE: *(Pega o despertador)* Estava na prateleira. Sempre esteve.

MADAME: *(Sorridente)* Verdade que a cozinha, para mim, é território um pouco estranho. Vocês, lá estão em casa. É o domínio. São soberanas. Eu me pergunto: por que o trouxeram para cá?

CLAIRE: É Solange para a arrumação. Não confia no relógio.

MADAME: *(Sorridente)* É a exatidão em pessoa. Sou servida pelas mais fiéis de todas as criadas.

CLAIRE: Adoramos Madame.

MADAME: E têm toda razão. O que é que eu não tenho feito por vocês? *(Sai)*

CLAIRE: *(Sozinha, com amargura)* Madame nos vestiu como princesas. Madame tratou das doenças de Claire ou Solange, pois Madame sempre nos confundia uma com a outra. Madame nos envolvia na bondade dela: graças a Madame, eu e minha irmã podíamos morar juntas. Ela nos dava pequenos objetos que não serviam mais. No domingo tolerava que a gente fosse a missa e sentasse perto do seu banco.

MADAME: Ouça! Ouça!

CLAIRE: Ela aceita a água que nós lhe oferecemos e, às vezes, na ponta da luva, nos oferece também.

MADAME: O táxi! Ela está chegando! Ahn! Que estás dizendo?

CLAIRE: *(Muito forte)* Estou recapitulando as bondades de Madame.

MADAME: *(Entra no quarto, sorridente)* Quantas honras! Quantas honras... e quanto desmazelo. *(Passa a mão sobre o móvel)* Vocês cobrem os móveis de rosas mas se esquecem de limpá-los.

CLAIRE: Madame não está satisfeita com o serviço?

MADAME: Mas felicíssima, Claire. E de saída!

CLAIRE: Mesmo frio, Madame vai tomar um pouquinho de chá.

MADAME: *(Rindo, inclina-se sobre ela)* Queres me matar com teu chá, tuas flores, tuas recomendações. Esta noite...

CLAIRE: *(Implorando)* Ao menos um pouco...

MADAME: Esta noite tomo champagne. *(Vai a bandeja de chá, Claire se dirige lentamente até onde está o chá)* Chá de tília! No serviço de luxo! E para que solenidade!

CLAIRE: Madame...

MADAME: Levem daqui essas flores. Carreguem-nas para vocês. Descansem. *(Tendo-se voltado para sair)* O doutor está livre Claire! O doutor está livre e eu vou me encontrar com ele.

CLAIRE: Madame...

MADAME: Madame escapole! Tirem daqui essas flores! *(A porta bate atrás dela)*

CLAIRE: *(Que ficou só)* Pois Madame é boa! Madame é linda! Madame é meiga! Mas nós não somos ingratos e todas as noites, na mansarda, como Madame mandou, rezamos por ela. Nunca falamos mais alto e diante dela nem temos a ousadia de nos tratarmos por tu. E assim Madame nos mata com a meiguice dela. Com a sua bondade, Madame nos envenena. Porque Madame é boa. Madame é linda! Madame é meiga! Nos deixa tomar um banho todos os domingos na banheira dela. De vez em quando nos oferece uma balinha. Ela nos cobre de flores murchas. Madame prepara nossos chás. Madame nos fala do doutor até nos deixar com ciúmes. Porque Madame é boa! Madame é linda! Madame é meiga!

SOLANGE: Ela não bebeu? Claro que não. Era de esperar. Bonito trabalho.

CLAIRE: Só queria te ver no meu lugar.

SOLANGE: Bem podias zombar de mim. Madame escapa. Madame nos escapa. Claire! Como a deixaste fugir? Vai se encontrar com o doutor e entender tudo. Estamos perdidas.

CLAIRE: Não me arrazes. Pus o gardenal no chá, ela não quis beber. Será minha culpa...

SOLANGE: Como sempre!

CLAIRE: ... pois tua garganta estava ardendo para anunciar a liberdade do doutor.

SOLANGE: A frase começou na tua boca...

CLAIRE: ... e acabou na tua.

SOLANGE: Fiz o máximo possível. Queria conter as palavras. Ah! Mas não vás agora inventar acusações. Eu trabalhei para que tudo desse certo. Para te dar tempo de preparar tudo, desci a escada o mais devagar possível, fui pelas ruas menos movimentadas, havia táxis aos montes. Eu já não podia evitá-los. Acho que acabei chamando um deles sem nem sequer perceber. E enquanto eu espichava o tempo, tu, aqui, deixavas tudo a perder. Soltavas Madame. Só nos resta fugir. Vamos pegar nossas coisas... Vamos dar o fora...

CLAIRE: Todos os ardis eram inúteis. Somos malditas.

SOLANGE: Maldita! Vais começar tuas besteiras!

CLAIRE: Sabes o que quero dizer. Sabes muito bem que os objetos estão nos abandonando.

SOLANGE: E achas que os objetos se preocupam conosco?

CLAIRE: Eles não fazem outra coisa. Nos atraiçoam. E devemos ser muito culpadas mesmo, para que nos acusem com tanta tenacidade. Já os vi a ponto de revelarem tudo a Madame. Depois do telefone, nossos lábios é que nos traíram. Tu não viste como eu vi, todas as descobertas de Madame. Porque eu vi caminhar, passo firme, rumo a revelação. Não adivinhou nada, mas está queimado.

SOLANGE: E a deixaste ir!

CLAIRE: Eu vi Madame, Solange, eu vi Madame descobrir o despertador da cozinha que esquecemos de levar de volta, vi descobrir o pé na madrugadara, descobrir o *rouge* mal tirado no meu rosto, descobrir que a gente lê *Detetive*, nos descobrir sem parar e eu estava sozinha, suportando todos esses choques, sozinha nos vendo cair!

SOLANGE: Temos de partir. Vamos levar nossas coisas. Depressa, depressa, Claire, vamos tomar o trem... o navio...

CLAIRE: Partir para onde? Ao encontro de quem? Eu não teria força nem para carregar uma valise.

SOLANGE: Vamos. Pra onde quer que seja. Com o que quer que seja.

CLAIRE: Pra onde podemos ir? Como é que vamos viver? Nós somos pobres.

SOLANGE: *(Olhando em volta)* Claire, a gente leva... leva...

CLAIRE: O dinheiro? Não consinto. Não somos ladras. A polícia logo nos descobriria. E o próprio dinheiro nos denunciaria. Depois que vi os objetos nos revelando, um depois do outro, fiquei com medo deles, Solange. O menor dos erros pode nos entregar.

SOLANGE: Ao diabo! Que tudo vá pro diabo! Temos de encontrar um meio de fugir.

CLAIRE: Nós perdemos... agora é tarde.

SOLANGE: Não penses que vamos ficar assim, nessa angústia. Amanhã eles voltam, os dois. Vão saber de onde é que vinham as cartas. Vão saber de tudo! Tudo! Então não viste como ela cintilava? Seu andar na escada! Seu andar vitorioso! Sua felicidade atroz? Toda alegria dela será feita com a nossa vergonha. Seu triunfo é o vermelho da nossa vergonha! Seu vestido é o vermelho da nossa vergonha! Suas peles! Ah! Ela pegou as peles outra vez!

CLAIRE: Estou tão cansada!

SOLANGE: Bonita hora pra se queixar. Sua delicadeza surge bem na hora exata.

CLAIRE: Cansada demais!

SOLANGE: É evidente que as criadas são culpadas quando Madame é inocente. É tão simples ser inocente, Madame! Mas eu, se me tivesse encarregado de executar a senhora, eu juro que chegava até o fim!

CLAIRE: Mas, Solange...

SOLANGE: Até o fim! Com esse chá envenenado, esse chá que a senhora se atrevia a rejeitar, eu abria com as mãos a sua queixada para a forçar a tragá-la! Mas recusar-se a morrer, a senhora! Quando eu estava pronta a lhe pedir de joelhos que morresse de mãos postas e beijando seu vestido!

CLAIRE: Não era assim tão fácil de conseguir!

SOLANGE: A senhora acha? Eu dava um jeito de tornar sua vida impossível. De forçá-la a vir me implorar para lhe oferecer esse veneno, que talvez eu lhe recusa-se. Seja como for, a vida lhe seria insuportável.

CLAIRE: Claire e Solange, vocês me irritam, pois eu confundo vocês duas, Claire ou Solange, vocês me irritam e provocam minha cólera. Pois é você que eu acuso de todos os males.

SOLANGE: Repita se tem coragem. *(Ela põe seu vestido branco, diante do espelho, por cima do seu vestido preto)*

CLAIRE: Eu as acuso de serem culpadas do mais terrível dos crimes.

SOLANGE: Ficou louca! Ou embriagada! Pois não há nenhum crime, Claire, te desafio a nos acusar de um crime definido.

CLAIRE: Então o inventaremos, porque... você queria me insultar. Não faça cerimônia! Cuspa-me na cara! Cubra-me de lama e de imundices!

SOLANGE: A senhora está linda!

CLAIRE: Salte as formalidades de começo. Já faz muito tempo que vocês tornaram inúteis as mentiras, as hesitações que levam a metamorfose! Corre! Corre! Já não posso mais com as vergonhas e as humilhações. O mundo pode nos ouvir, sorrir, sacudir os ombros, nos tratar de loucas ou invejosas, eu estremeço, me arrepio de prazer, Claire eu vou relinchar de alegria!

SOLANGE: A senhora está linda!

CLAIRE: Começa os insultos!

SOLANGE: A senhora está linda!

CLAIRE: Dispensa o prelúdio. Os insultos!

SOLANGE: A senhora me deslumbra. Eu jamais poderia.

CLAIRE: Os insultos, já disse. Não pensa que me fez enfiar este vestido só para ouvir hinos a minha formosura. Cubra-se de ódio! De insultos! De escarros!

SOLANGE: Me ajude.

CLAIRE: Detesto os criados. Detesto-lhes a espécie odiosa e vil. Os criados não pertencem à humanidade. Eles escorrem. São um miasma se arrastando por nossos quartos, por nossos corredores, penetrando em nós, se enfiando por nossa boca, nos corrompendo. Eu, por mim vomito vocês. *(Movimento de Solange para ir à janela)* Fica aqui.

SOLANGE: Estou subindo, estou subindo...

CLAIRE: Sei que são necessários, como os coveiros, os limpadores de latrina, os policiais. O que não impede toda essa bela gentalha de feder.

SOLANGE: Continue, continue.

CLAIRE: Com as suas caras de pavor e de remorso, com os seus cotovelos enrugados, seus corpetes *démodé*, seus corpos feitos para vestir nossos retôlhos. Vocês são nossos espelhos, de deformação, nossa válvula de escape, nossa vergonha, nossa bêrra.

SOLANGE: Continue, continue.

CLAIRE: Eu já estou beirando, anda depressa, por favor. Vocês são... Vocês são... meu Deus, estou vazia, não encontro mais. Esgotei meus insultos. Claire, você me externa!

SOLANGE: Deixa eu sair. Nós vamos falar ao mundo. Que ele chegue à janela para nos enxergar, é preciso que ele nos ouça. *(Abre a janela, mas Claire a puxa para dentro do quarto)*

CLAIRE: O pessoal daí defronte vai nos ver.

SOLANGE: *(Já na sacada)* É o que espero. O tempo está bem. O vento me exalta.

CLAIRE: Solange! Solange! Fica comigo. Entra!

SOLANGE: Cheguei ao nível. Madame contava com seu arrulho de rola, seus amantes, seu leiteiro.

CLAIRE: Solange...

SOLANGE: Silêncio! Seu leiteiro matinal, seu mensageiro da aurora, seu sino delicioso, seu senhor insinuante e pálido acabou-se. A postos para o baile.

CLAIRE: Que estás fazendo?

SOLANGE: *(Solene)* Interrompo-lhe o curso. De joelhos!

CLAIRE: Solange...

SOLANGE: De joelhos!

CLAIRE: Estás te excedendo!

SOLANGE: De joelhos! Pois já sei qual é finalmente o meu destino.

CLAIRE: Me matar!

SOLANGE: *(Indo sobre ela)* É o que espero. Meu desespero me faz indomável. Sou capaz de tudo. Ah! Nós éramos malditas!

CLAIRE: Cale a boca.

SOLANGE: Não lhe será preciso ir até o crime.

CLAIRE: Solange!

SOLANGE: Não se mova! Madame vai me ouvir. Você lhe consentiu que escapasse. Você! Ah! Que pena que não posso dizer a ela toda a minha ira! Contar a ela todas as nossas caretas. Mas tu, tão covarde, tão tola, a deixaste fugir! Neste instante ela engole champagne! Não se mova! Não se mova! A morte está presente e nos espreita!

CLAIRE: Deixa eu sair.

SOLANGE: Não se mova. Com seu auxílio vou talvez descobrir o meio mais simples e a coragem, Madame, de libertar minha irmã e ao mesmo tempo me levar à morte.

CLAIRE: Que vais fazer? Tudo isso, aonde nos leva?

SOLANGE: Por favor, Claire, me responda.

CLAIRE: Solange, vamos parar. Não aguento mais. Me deixa.

SOLANGE: Pois vou continuar sozinha, minha cara. Não se mova. Quando você dispunha de meios tão maravilhosos era impossível que Madame escapulisse. *(Avançando sobre Claire)* E

desta vez quero liquidar com uma tipa tão covarde.

CLAIRE: Solange! Solange! Solange!

SOLANGE: Berre à vontade! Pode até lançar seu grito derradeiro, Madame! *(Empurra Claire, que fica agachada num canto)* Enfim! Madame está morta! Estendida no linóleo... Estrangulada pelas luvas de lavar panelas. Madame pode permanecer sentada! Madame pode me chamar de senhorita Solange. Justamente. É por causa do que eu fiz. Madame, o doutor me chamará Senhorita Solange Lemercier... Madame devia ter tirado esse vestido preto, é grotesco. *(Imita a voz de Madame)* Eis-me aqui reduzida, por luto a minha criada. A saída do cemitério, todos os empregados do bairro desfilavam diante de mim como se eu fosse alguém da família. Tantas vezes fiz de conta que ela pertencia à família. Vai ver que a morte levou esse gracejo até as últimas consequências. Oh! Madame, sou sua igual Madame, e ando de cabeça erguida... *(Ri)* Não, senhor inspetor, não... o senhor não saberá nada sobre o meu trabalho. Nada sobre o nosso trabalho em comum. Nada sobre a nossa colaboração para esse assassinato... Os vestidos? Oh! Madame pode guardá-los. Minha irmã e eu tínhamos os nossos. Aqueles que vestíamos a noite, escondida. Agora tenho meu vestido e sou sua igual. Estou com a toalete vermelha das criminosas. Faço rir o doutor? Faço o doutor sorrir? Ele pensa que as criadas devem ter bom gosto de não fazerem gestos que estão reservados à Madame! Verdade que me perdoa? É a bondade em pessoa. Quer competir comigo em grandeza. Mas a que eu conquistar é a mais selvagem... Madame começa a perceber minha solidão! Finalmente! Agora estou sozinha, medonha. Podia lhe falar com crueldade, mas posso ser boa. Seu medo vai passar, Madame. Vai passar completamente. No meio das suas flores, seus perfumes, seus vestidos. Aquele vestido branco que a senhora usava à noite no baile da ópera, aquele vestido branco que eu não deixo ela vestir nunca. E no meio das suas joias, dos seus amantes. Quanto a mim, tenho, minha irmã. Sim, ouso falar nela. Ouso, Madame. Posso ousar tudo. E quem poderia me fazer falar? Quem teria a coragem de me dizer: “minha filha”? Eu servi. Fiz os gestos que são necessários para servir. Sorri para Madame. Me abaixei para lavar os ladrilhos, me abaixei para fazer a cama, me abaixei para descascar legumes, para escutar atrás das portas, colar meu olho nas fechaduras. Mas agora estou de pé. E firme. Sou a estranguladora. A senhorita Solange, aquela que estrangulou a irmã! Me calar! Madame é mesmo delicada. Mas tenho pena da brancura da Madame, da sua pele acetinada, das suas orelhinhas, dos seus pulsinhos... Eu sou a galinha preta, tenho os meus juízes. Sou da polícia... Claire? Ela gostava muito, muito mesmo da Madame!... Não senhor inspetor, diante deles não explico nada. Essas coisas só interessam a nós... Aquilo, minha filha, a nossa noite, nossa! *(Acende um cigarro e fuma desajeitadamente. A fumaça a faz tossir)* Nem vocês nem ninguém vai saber nada, senão que desta vez Solange foi até o fim. Vocês a estão vendo vestida de vermelho. Ela vai sair. *(Solange se dirige para a janela, abre-a e sobe a sacada, de costas para o público, encarando a noite. Dirá a retirada seguinte. Um vento leve faz ondular as cortinas)* Sair. Descer a grande escadaria! A polícia a acompanha. Saiam à sacada para vê-la seguir entre os negros penitentes. É meio-dia. E, assim, leva na mão uma tocha de nove libras. Logo atrás, o carrasco segreda-lhe ao ouvido palavras de

amor. O carrasco me acompanha, Claire! *(Ri)* Ela será conduzida em cortejo por todas as criadas do bairro, por todos os domésticos que acompanharam Claire à sua última morada. *(Olha para fora)* Levam coroas, flores, bandeirolas, tocam o dobre de finados. O enterro desdobra sua pompa. Lindo, não. Vêm primeiro os mordomos, de fraque, sem forro de seda. Trazem suas coroas. Depois os criados de libré, os lacaios de culote curto e meias brancas. Trazem suas coroas. Vêm depois os camareiros e depois as arrumadeiras, trazendo as nossas cores. Vêm os porteiros e vêm ainda, as delegações do céu. E eu as conduzo. O carrasco me embala. Todos clamam. Estou pálida e vou morrer! *(Entra)* Quantas flores! Deram-lhe um lindo enterro, não. Oh! Claire, minha pobrezinha Claire! *(Rompe em soluços e se afunda numa poltrona. Levanta-se de novo)* Não adianta, Madame, obedeço à polícia. Só ela me compreende. Ela também é do mundo dos réprobos. *(Debruçada na ombreira da porta da cozinha, Claire visível só para o público, desde há instantes ouve sua irmã)* Agora somos a senhorita Solange Lemercier. A mulher Lemercier. A Lemercier. A célebre criminosa. *(Cansada)* Claire, nós estamos perdidas.

CLAIRE: *(Dolente, com a voz da Madame)* Fecha a janela e corra a cortina.

SOLANGE: Já é tarde. Todo mundo foi dormir. Não vamos continuar.

CLAIRE: *(Faz com a mão um gesto de silêncio)* Claire, você vai me servir um chá.

SOLANGE: Mas...

CLAIRE: Eu estou dizendo, meu chá.

SOLANGE: Estamos mortas de cansaço. Temos de parar. *(Senta-se na poltrona)*

CLAIRE: Ah! Absolutamente! Não! Então pensa, criadinha, que se safa assim à toa? Seria fácil demais conspirar com o vento, ser cúmplice da noite.

SOLANGE: Mas...

CLAIRE: Não discuta. É a mim que compete dispor destes minutos finais. Solange, tu me guardarás em ti.

SOLANGE: Mas, não! Não! Estás louca, nós vamos embora. Depressa Claire. Não vamos ficar. O apartamento está condenado.

CLAIRE: Fica.

SOLANGE: Então não estás vendo, Claire, como eu estou fraca? Como estou pálida?

CLAIRE: Tu és covarde. Obedece. Estamos bem na beira, Solange. Iremos até o fim. Ficarás sozinha para assumir as nossas duas existências. Precisarás de ter muita força. No presídio ninguém saberá que eu te acompanho, escondida. E, principalmente, quando fores condenada, não te esqueças que me trazes em ti. Precisamente. Seremos lindas, livres e alegres. Solange, não temos mais nenhum minuto a perder. Repete comigo...

SOLANGE: Fala, mas baixinho.

CLAIRE: *(Mecânica)* Madame deve tomar seu chá.

SOLANGE: *(Dura)* Não, eu não quero.

CLAIRE: *(Segurando pelos pulsos)* Descarada! Repete. Madame vai tomar seu chá.

SOLANGE: Madame vai tomar seu chá...

CLAIRE: Porque é preciso que ela durma...

SOLANGE: Porque é preciso que ela durma...

CLAIRE: E que eu vele.

SOLANGE: E que eu vele.

CLAIRE: *(Deita-se no leito de Madame)* Vou repetir. Não me interrompas mais. Estás me

ouvindo? Me obedeces? *(Solange faz que sim com a cabeça)* Repito! Meu chá!

SOLANGE: *(Hesitante)* Mas...

CLAIRE: Estou dizendo! Meu chá!

SOLANGE: Mas Madame...

CLAIRE: Bem, continua.

SOLANGE: Mas Madame, ele está frio.

CLAIRE: Tomarei assim mesmo. Traz. *(Solange traz-lhe a bandeja)* E o serviste no aparelho mais rico, mais precioso... *(Pega a xícara e bebe. Enquanto isso Solange de face para o público, permanece imóvel, com as mãos cruzadas, como se tivessem algemadas)*

FIM